

Levantamento populacional dos índios Kaingang no Fortim Atalaia (1812-1828).

Cristiano Augusto Durat<sup>1</sup>

1. Aspectos Históricos.

O Fortim Atalaia que foi construído nos campos de Guarapuava em junho de 1810, no espaço compreendido no terceiro planalto do estado do Paraná. Esse território pertencia à província de São Paulo que tinha como limite as cabeceiras do rio Uruguai, divisa com o Rio Grande de São Pedro<sup>2</sup>. A “descoberta” desses campos se deu com as expedições de reconhecimento e posse na década de setenta e início dos oitenta dos setecentos.

Essas expedições não obtiveram sua plena realização. Mas foram de extrema importância, ao proporcionar um conhecimento extenso de grande parte da geografia, botânica e alimentícia da região. Nessas expedições também foram de utilidade, por apontar os caminhos mais propícios para se chegar aos campos de Guarapuava e seu fim principal a aproximação, um contato qualquer com os “selvagens”, habitantes dos campos, para poder legitimar sua posse.

O comandante geral dessas expedições foi o Tenente-Coronel Afonso de Botelho Sampaio e Souza. Graças ao seu empenho, e com a experiência de seus subordinados que hoje temos a descrição dos acontecimentos marcantes das expedições. Mesmo que as tentativas tenham sido frustrantes do ponto de vista ocupacional, e meramente plausível o esforço deste comandante em estabelecer amizade com o indígena. Mesmo assim, os índios mantiveram-se fiéis as suas raízes. Aproximaram-se do alojamento dos portugueses, atraíram a atenção deles para fora do seu espaço e na mata atacaram alguns componentes da expedição comandada pessoalmente por Afonso Botelho, ocasião em que foram mortos setes homens.

Com receio de serem atacados novamente o comandante determina a retirada dos seus comandados para povoados mais seguros, rompendo com isso os planos de povoamento, que somente será concretizado passado quase quarenta anos com a Real Expedição e Colonização dos Campos de Guarapuava.

Dom João VI ressuscitaria o projeto de ocupação dos campos no ano de 1809. Para o sucesso da expedição, o número de componentes contabilizara mais de 200 pessoas. Dentre eles tinham militares, trabalhadores, profissionais, famílias, enfim pessoas capazes de abrir um caminho que ligasse a vila de Curitiba aos campos de Guarapuava, e obviamente pessoas com ambição de trabalhar e plantar raízes afetivas nessas terras.

Ao chegarem aos campos de Guarapuava imediatamente levantaram uma proteção para o estabelecimento de casas, capela, e outras benfeitorias para abrigar os portugueses. Essa proteção levou o nome de Fortim Atalaia. O objetivo da construção do fortim era de servir de escudo para possíveis enfrentamentos com o indígena. Era um perigo constante, afinal os índios já haviam assassinados os camaradas de Afonso Botelho e de momento para outro, eles surgiriam. De fato, logo os índios se aproximaram do abarracamento, e cautelosos foram se aproximando.

A expedição tinha outros índios que vieram para servirem de interpretes<sup>3</sup>, estes não compreendiam a língua, muito menos os portugueses entenderiam. Pe. Francisco das Chagas Lima, capelão da expedição destaca que os índios tinham uma fala difícil de compreender: [...] *fallam, porêm não se entendem*, [...] <sup>4</sup>

Mesmo com a dificuldade de ambos na fala, os índios se mostraram amigáveis para com os portugueses, oferecendo suas mulheres para que os homens a desfrutassem. Podemos analisar da seguinte forma essa oferenda. Quando os camaradas de Afonso Botelho foram mortos, os índios também haviam prestado mostras de amizade com os portugueses, e no momento oportuno os atacaram. Essa tática de atrair os portugueses para fora do seu abarracamento, ou seja, do fortim, e constatado novamente com os homens da real expedição de Guarapuava. Ao atrair os homens para fora da sua proteção, automaticamente os portugueses ficavam vulneráveis, e seriam presas fáceis.

Pe. Chagas reúne todos os homens e os exorta para não se aproximarem das índias, com a promessa de excomungar que não atendesse seu pedido. Apenas o soldado Manoel Pereira de Magalhães desrespeitou a ordem e se aventurou pela mata. Os demais seguiram as suas exortações.

Graves conseqüências os portugueses tiveram que enfrentar. Dentre elas, defenderem-se do ataque indígena no dia 29/08/1810, no qual por seis horas os portugueses se protegeram e atacaram os índios Kaingang.

Com esses episódios da pré-ocupação, ocupação e pós-ocupação dos campos de Guarapuava, os índios sempre estiveram presentes, ora ganhando, ora perdendo. Cabe destacar, que a partir de 1810 os índios Kaingang serão peças importantes da ocupação.

Para adentrarmos no objetivo desse texto passamos a discutir a documentação que ratifica a presença do índio Kaingang nos campos de Guarapuava, que são os registros paroquiais que o Pe. Chagas redigia ao ministrar os sacramentos e óbitos na povoação.

Esses documentos permitem redigir o levantamento populacional dos índios Kaingang que estiveram presente no Fortim Atalaia, esporadicamente ou por um tempo mais longo.

Para isso, vamos percorrer as fontes que permitem conhecer os índios Kaingang dos Campos de Guarapuava, que ora foram concentrados no Fortim Atalaia.

## 2. Os livros paroquiais.

A real expedição e colonização dos campos de Guarapuava partiram da vila de Curitiba em agosto de 1809. Na sua bagagem traziam os livros paroquiais para registrar os sacramentos efetuados durante a expedição, e também para registrar os sacramentos do povoamento que seria efetivado nos campos de Guarapuava.

O responsável para zelar dos livros de Batismo, Casamento e Óbito, e conseqüentemente quem realizaria os sacramentos foi o Pe. Francisco das Chagas Lima.

Cabe destacar que os livros paroquiais eram para serem registrados os sacramentos dos portugueses e índios. Para os registros sacramentais dos escravos negros tinham

outros livros<sup>5</sup>. No entanto, nesse texto vamos nos referir apenas aos registros dos índios Kaingang.

## 2.1 Os registros de Batismo.

Pe. Chagas teve um papel importante dentro da expedição. Além do seu trabalho como pastor teve um grande cuidado de registrar os sacramentos dos indígenas.

Os sacramentos ministrados para com os índios foram realizados a partir de 1812. Até então os índios estavam dispersos pelo sertão, consequência do confronto que ocorreu no início da colonização em 1810, do qual já discutimos.

Conforme levantamento e exploração dos registros paroquiais de batismo, Pe. Chagas realizou 449 batismos de índios Kaingang.

Desses 449 registros de batismo, 55% correspondem á pessoas do sexo feminino, e o restante, ou seja, 45 % do sexo masculino.

Essas informações já nos dão uma visão da população indígena que esteve presente no fortim Atalaia. Mas, podemos tranquilamente buscar inúmeras informações que auxiliam o pesquisador populacional. Para exemplificar, em 1812 foi o ano que mais sacramentos de batismo realizou na povoação, contabilizando 121 registros. O ano que menos teve batismo foi em 1828, perfazendo um total de seis. Devemos considerar que o Pe. Chagas permaneceu na povoação até o final deste ano. Interpretamos da seguinte forma permanência no Padre: o seu último registro no livro de batismo data de 12/10/1828. Isso leva a crer que ele deixará a direção do trabalho de catequese e conversão dos índios, e também dos portugueses, posteriormente ao seu último batismo na povoação.

A documentação ainda permite outras interpretações que serão exploradas no decorrer da pesquisa que ora desenvolvemos. Mas a título de esclarecimento, os registros permitem o conhecimento da idade, nome indígena, nome dos pais, padrinhos, forma de batismo e em que situação ocorreu. É importante frisar que esses dados contidos na documentação são orientados pelas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*<sup>6</sup>.

Nessas orientações do arcebispado está evidente também a preocupação com a forma de efetuar os registros de casamento e óbitos.

## 2.2 Registros de Casamentos.

Diante das fontes primárias que são os registros de Batismo, Casamento e Óbitos. O que menos teve registros foi o de casamentos no período de 1810-1828.

Nesses dezoito anos comandando o bem espiritual dos seus fieis, o Pe. Chagas realizou 55 casamentos. Dos quais 16% das uniões aconteceram entre portugueses e índias, e 84% das uniões foram entre os índios, ou seja, 46 registros.

Se levarmos em consideração os aspectos culturais dos índios Kaingang quanto a poligamia, diríamos que o número de casamentos é bastante expressivo. Logicamente que esses dados não nos dão uma completa visão da realidade, mas estamos o mais próximo possível. Isso também não atesta que os índios tinham apenas uma esposa. Diante da igreja católica certamente que sim, devido suas orientações, mas na sua vida “selvagem”, o hábito de ter mais do que uma esposa era prática comum entre os índios que se destacavam em confrontos com outras tribos ou com os “brancos”.

Dessa forma, consideramos que os índios casavam-se perante a igreja para obter proteção e respeito das autoridades portuguesas, ou para se destacar diante dos outros índios, servindo-lhes como exemplo a ser adotado. Ao retornarem para o sertão, tomavam novas esposas conforme descrição do Pe. Chagas<sup>7</sup>.

Enfim a união entre índias e portugueses foi bastante baixa, apenas 9 casamentos. A miscigenação tão estimulada pelo Marquês de Pombal, através do diretório dos índios de 1757, não obteve seu efeito desejado de construir aqui na colônia uma sociedade igualitária, abolindo as diferenças entre ‘brancos’ e índios<sup>8</sup>.

Há exemplo dos registros de batismo, os de casamentos também proporcionam outras análises que serão discutidas num momento oportuno. No entanto, essas informações acima discutidas nos permitem conhecer, neste texto, mesmo que

esparsamente, o universo das uniões ocorridas nos campos de Guarapuava com os índios Kaingang.

### 2.3 Registros de Óbitos.

Para finalizar a exploração das fontes utilizadas na pesquisa, onde já discutimos os registros de batismo e casamento, passamos agora a analisar sucintamente os óbitos ocorridos entre os anos de 1812-1828.

Da mesma forma que o ano de 1812 foi promissor para o batismo, sendo o ano que mais registrou-se os sacramentos, o livro de óbitos também aponta que no mesmo ano houve o maior número de mortes nos campos de Guarapuava, obviamente no povoamento de Atalaia.

De um total de 149 mortes, 23% foi no ano de 1812. Pe. Chagas destaca em sua Memória que o impulso dos batismo se deu devido a uma epidemia que se abateu entre os índios. Uma das conseqüências da colonização.

Muitos conseguiram sobreviver, outras não tiveram tanta sorte. O que chama atenção nesses sacramentos, é que o Pe. Chagas certamente aproveitou-se dessa epidemia para catequizar e mostrar o bem que os sacramentos lhes trariam, a promessa de salvação das suas almas.

Os registros de óbitos nos dão claramente a forma de enterro que os índios faziam para com seus irmãos indígenas. Por exemplo, exigindo das autoridades locais que os deixem enterrarem seus mortos conforme seus costumes. Fica evidente esse descontentamento dos índios ao ser enterrado uma índia no cemitério dos portugueses.

Alguns morreram logo que foram batizados. Outros não chegavam a receber o sacramento da extrema-unção. O mesmo procedimento efetuado com os portugueses, os índios também recebiam no item sacramental.

### 3. Considerações finais.

Com esses três momentos da vida social indígena, orientada pela igreja católica, do batismo, casamento e óbito, podemos exaustivamente chegar mais próximo possível dos acontecimentos do dia-a-dia nos campos de Guarapuava, principalmente no Fortim Atalaia.

É plausível a preocupação e cuidado que o Pe. Chagas em registrar inúmeros dados populacionais que nos proporciona efetuar uma historia local, sem perder sua conexão com o regional, nacional, enfim global.

A ocupação dos campos de Guarapuava foi um projeto do reino português. Expandir seus domínios, ganhar espaço, e afastar um possível alargamento do território espanhol e manter um foco populacional lusitano no sertão.

Pretendemos com a pesquisa, através dos registros paroquiais, cartas régias e outros documentos, analisar e mostrar que os índios Kaingang foram os atores principais dessa ocupação seja através da sua resistência, ou via alianças com os portugueses.

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela UNICENTRO-PR, mestrando em História na UPF-RS.

<sup>2</sup> Atual Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> FRANCO, Artur. Martins. Diogo Pinto e a Conquista de Guarapuava. Curitiba: Tip. João Haupt: 1943. p.88

<sup>4</sup> LIMA, Francisco das Chagas. Memória sobre o descobrimento e colônia de Guarapuava. Curitiba, 2001. Revista Monumenta Editora Aos quatro ventos, v. 3 n 9, p. 58

<sup>5</sup> Os livros Sacramentais do qual nos referimos estão sob a guarda do Arquivo da Catedral Diocesana Nossa Senhora de Belém em Guarapuava, aberto pra qualquer pessoa que deseja pesquisar e apurar essa diferenciação entre brancos, índios e negros.

<sup>6</sup> CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA, feitas, e ordenadas pelo Ilustríssimo, e Reverendíssimo Senhor Sebastião Monteiro da Vide, bispo do dito Arcebispado, e do Conselho de Sua Magestade: propostas, e aceitas no Synodo Diocesano, que o dito Senhor celebrou em 12 de junho do anno de 1707. Reimpressão de 1853.

<sup>7</sup> Op. Cit. LIMA p.63

<sup>8</sup> DIRETÓRIO DOS ÍNDIOS DE 1757. Art. 88. Disponível em [http://amazonia.com.sapo.pt/Diretorio\\_Pombal\\_integral.htm](http://amazonia.com.sapo.pt/Diretorio_Pombal_integral.htm). Acessado em 09/11//2004.